

# *O Fado em Lisboa. Uma cidade que canta antes de falar*

Há um momento, normalmente ao fim da tarde, em que a luz da nossa cidade começa a perder força nas fachadas e a cidade muda claramente o seu ritmo. As ruas ficam mais silenciosas, as portas entreabertas deixam sair vozes baixas, copos a pousar e cadeiras a arrastar. É um hábito antigo, repetido até já não precisar de ser anunciado. O fado nasce aqui, mas não nasceu bonito.

Antes de subir a palcos ou de ganhar respeito, foi coisa de margem. De gente que não tinha palco nem nome. No século XIX, entre a Mouraria, Alfama e o Bairro Alto, cantava-se como quem resolve os pesos da vida madrasta. A Severa, Maria Severa Onofriana, aparece nesse tempo como uma figura concreta, carne e osso, voz rouca e uma vida curta. Prostituta, dizem. Cantava, e isso bastava. O resto veio depois, já com distância, já com história a tentar organizar o que nunca fora organizado.  
e rest.

O fado, embora tradição, começou como descarga emocional numa mistura de tudo o que passava por Lisboa na altura. Marinheiros, escravos, gente que chegava e gente que nunca saiu. Ritmos africanos, cadências brasileiras, guitarra portuguesa e letras que não eram escritas para durar. Eram ditas, e quem estava ouvia, e depois esquecia, ou guardava.

Com o tempo, o fado sai da rua, entra em casas, ganha regras, ganha respeito e silêncio, mas perde alguma coisa pelo caminho. Ainda assim, mantém um traço difícil de apagar: a ideia de que se canta porque não há outra forma de dizer a vida.

Em Lisboa, isso percebe-se melhor em Alfama. Alfama é um lugar onde as coisas continuam a acontecer como sempre aconteceram. Roupa estendida entre prédios, vizinhos que se conhecem pelo nome e escadas que obrigam a cuidar dos batimentos cardíacos. E, de vez em quando, uma voz. Nem sempre perfeita, nem sempre afinada, mas sempre certa.

O fado está nas letras, mas também no intervalo entre elas. Está no modo como a guitarra entra e segura o espaço. Está na forma como quem canta fecha os olhos sem perceber que o está a fazer. E quem ouve não aplaude logo. Espera, como se ainda estivesse por acontecer qualquer coisa depois do último acorde. É essa relação com o tempo que o define.

Por isso, quando o fado é bem tratado, não se transforma num produto. Mantém-se próximo daquilo que sempre foi: uma forma concreta de estar, uma forma de dizer Lisboa sem a explicar.

No memmo Alfama, o fado aparece como continuidade do bairro. Duas vezes por semana, à segunda e à quinta, a partir das 20h30 e até às 23h, o espaço abre-se para sessões conduzidas por dois nomes que conhecem o peso do que estão a fazer: José da Câmara e António Pinto Basto.

Não há necessidade de acrescentar muito mais. Quem entra já vem de fora, com a cidade ainda na roupa, nos pés e no olhar. Senta-se, ouve, e percebe que não está a assistir a nada produzido em grande escala. Está apenas a ficar mais tempo dentro de Lisboa.

No fim, não se leva uma história para contar, mas sim uma sensação difícil de repetir fora dali. E não é mais do que suficiente?

*Gonçalo Câmara*

Colunista memmo Journal